



NÓS NESTE ESPAÇO: UM OLHAR PSICOSSOCIAL SOBRE A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA DE ESTUDANTES DAS CAMADAS POPULARES

NOSOTROS EN ESTE ESPACIO: UNA MIRADA PSICOSOCIAL SOBRE LA EXPERIENCIA UNIVERSITARIA DE ESTUDIANTES DE LAS CLASES POPULARES

US IN THIS SPACE: A PSYCHOSOCIAL PERSPECTIVE ON THE UNIVERSITY EXPERIENCE OF STUDENTS FROM LOW-INCOME BACKGROUNDS

Iara Raquel Garcia Silva¹
Nathalia Kelen de Sousa Freitas²
Robson Nascimento da Cruz³

RESUMO: Apesar das dificuldades vivenciadas por estudantes de baixa renda, muitos desses sujeitos, na universidade brasileira, conseguem criar novas formas de estar no espaço universitário. O objetivo desta pesquisa foi investigar a experiência acadêmica de universitários das camadas populares a partir de uma perspectiva psicossocial, tendo como base estudos sobre o papel do capital cultural, social e econômico. Nossos achados sugerem a existência de dimensões compartilhadas entre estudantes de classes populares, como aquelas referentes aos percalços no processo de adaptação à cultura acadêmica que a universidade demanda a esses indivíduos. Além disso, destacamos como as dinâmicas relacionais, os recursos materiais e suas trajetórias singulares se fizeram mediadores da experiência acadêmica desses estudantes. Ao dar voz às diferentes narrativas de universitários de camadas populares, exploramos não apenas seus desafios, mas também como esses sujeitos estabelecem uma lógica reflexiva em seus cotidianos. Nesse sentido, argumentamos que a inserção desses estudantes no ambiente universitário não se resume à mera assimilação da cultura dominante, mas a uma constante negociação entre o passado de suas origens de classe e seu presente numa instituição ainda eminentemente voltada para as classes médias, médias altas e altas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino superior; Vida acadêmica; Estudantes das camadas populares.

RESUMEN: A pesar de las dificultades enfrentadas por estudiantes de bajos ingresos, muchos de ellos logran construir nuevas formas de estar en el espacio universitario en Brasil. Esta investigación tuvo como objetivo analizar la experiencia académica de universitarios de clases populares desde una perspectiva psicossocial, basándose en estudios sobre el papel del capital cultural, social y económico. Nuestros hallazgos indican la existencia de dimensiones compartidas entre estos estudiantes, especialmente en lo que respecta a los desafíos de adaptación a la cultura académica exigida por la universidad. Además, destacamos cómo las dinámicas relacionales, los recursos materiales y sus trayectorias personales actuaron como mediadores de su experiencia académica. Al dar voz a las diversas narrativas de estos estudiantes, exploramos no solo sus desafíos, sino también cómo construyen una lógica reflexiva en su vida cotidiana. En este sentido, argumentamos que la inserción de estos estudiantes en el ámbito universitario no se reduce a la mera asimilación de la cultura dominante, sino a una negociación constante entre sus orígenes de clase y su presente en una institución aún predominantemente orientada a las clases medias, medias altas y altas.

PALABRAS CLAVE: Educación superior; Vida académica; Estudiantes de clases populares.

ABSTRACT: Despite the challenges faced by low-income students, many of these individuals manage to create new ways of inhabiting the academic space in Brazilian universities. This study aimed to investigate the academic experience of university students from low-income backgrounds through a psychosocial perspective, drawing on studies about the role of cultural, social, and economic capital. Our findings suggest the existence of shared dimensions among these students, particularly regarding the obstacles they face in adapting to the academic culture

¹ Bacharel em Psicologia pela PUC Minas. iararaquel.gs@gmail.com

² Mestranda em Cognição e Comportamento pela UFMG. Bacharel em Psicologia pela PUC Minas. nathalia.sfreitas@outlook.com.br

³ Doutor em Psicologia pela UFMG. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da PUC Minas. robsoncruz78@yahoo.com.br

demanded by the university. Additionally, we highlight how relational dynamics, material resources, and their unique trajectories served as mediators of their academic experience. By giving voice to the diverse narratives of low-income university students, we explore not only their challenges but also how they develop a reflective logic in their daily lives. We argue that their integration into the university environment is not a mere assimilation of the dominant culture but rather a constant negotiation between their class origins and their present within an institution still predominantly designed for middle, upper-middle, and upper-class students.

KEYWORDS: Higher education; Academic life; Low-income students.

1 INTRODUÇÃO

Entende-se que o grau de escolarização é um preditor da ascensão econômica e social, algo que sugere graves repercussões quando consideramos a disparidade socioeconômica presente no Brasil (Salvato; Ferreira; Duarte, 2010). Ao analisar o cenário educacional brasileiro, observa-se que, até 2023, cerca de 54,5% da população com 25 anos ou mais havia concluído o ensino médio, enquanto uma parcela ainda menor, aproximadamente 19,7%, havia obtido um diploma de graduação (IBGE, 2023). Diante dessa realidade, nas últimas décadas, diversas estratégias foram implementadas com o objetivo de reduzir as desigualdades no acesso à educação superior no Brasil. Essas iniciativas resultaram em uma rápida expansão das políticas de ação afirmativa, que visam promover a inclusão de indivíduos de classes sociais mais baixas em cursos de graduação (Diniz; Goergen, 2019).

Uma das principais políticas afirmativas no âmbito do ensino superior no Brasil é o Programa Universidade Para Todos — ProUni, instituído pela Lei n.º 11.096/2005. Esse programa oferece bolsas de estudo integrais em instituições privadas de ensino superior para candidatos cuja renda familiar per capita não ultrapasse 1,5 salário mínimo, bem como bolsas parciais para aqueles com renda familiar per capita de até 3 salários mínimos (Brasil, 2005). Como resultado, o programa contribuiu para a inserção de um novo perfil discente nas universidades: desde a sua implementação, o ProUni tem sido uma das principais vias de acesso à educação superior para estudantes das camadas populares, ainda que esse grupo continue sub-representado no ambiente acadêmico (Pires; Ribeiro, 2020).

Engle e Tinto (2008) descrevem esses universitários como pertencentes a grupos de baixa renda, muitas vezes sendo a primeira geração de suas famílias a ingressar no ensino superior. De acordo com os autores, esses estudantes são predominantemente de minorias étnicas e raciais, tendem a ingressar tardiamente na universidade e enfrentam desafios adicionais ao tentar equilibrar suas responsabilidades acadêmicas com obrigações familiares e profissionais. Além disso, frequentemente são filhos de pais com baixa escolaridade (Piotto, 2008), realizaram a maior parte da sua formação em escolas públicas, residem em áreas socialmente marginalizadas, particularmente em regiões periféricas (Zago, 2006), e enfrentam

diversos obstáculos que podem dificultar sua trajetória acadêmica, como uma educação básica deficitária e a falta de recursos materiais, comprometendo sua permanência na universidade (Teixeira; Mentges; Kampff, 2019).

Além da condição financeira desfavorável, que, muitas vezes, não cobre adequadamente custos essenciais, como transporte, alimentação e moradia durante a graduação, Dias e Da Costa (2015, p. 52) argumentam que um dos principais desafios enfrentados por esse público é “a adaptação a um novo sistema de ensino, o que exige maior autonomia, e conhecimentos prévios formais e informais de maior complexidade, aprendizados nem sempre vivenciados pelos alunos de camadas mais populares”. Para Oliveira et al. (2014, p. 178), a adaptação acadêmica pode ser compreendida como o processo vivenciado pelos estudantes ao depararem-se com as mudanças que surgem após a entrada na universidade, podendo ser avaliada “com base nas atitudes do indivíduo em relação ao curso, à capacidade de estabelecer novas relações de amizade, à presença ou ausência de estresse e ansiedade frente às demandas acadêmicas (bem-estar físico e psicológico) e ao vínculo criado com a instituição”.

Nessa perspectiva, certas experiências psicossociais são essenciais para o desenvolvimento intelectual e emocional dos estudantes. Mais do que o cumprimento das metas de aprendizagem, a adaptação acadêmica também abarca a aquisição ou aprimoramento de habilidades como a proatividade, a autonomia, o senso crítico e a resolução de problemas, a ampliação do repertório cultural e construção de um saber ético-político e cidadão (Almeida, 2007). Na mesma direção, Cunha e Carrilho (2005, p. 217) afirmam que “o sucesso acadêmico do aluno deve ser avaliado pelo crescimento do estudante em relação a si próprio e aos objetivos propostos, considerando o desenvolvimento integral”. Dessa maneira, conclui-se que a adaptação acadêmica é um processo complexo que vai além do mero desempenho acadêmico.

A literatura nacional sobre a inserção de estudantes de classes populares na universidade tende a focar, predominantemente, nos desafios pessoais e as barreiras estruturais que esses indivíduos enfrentam no acesso e na permanência no ensino superior (Dias; Da Costa, 2015; Piotto, 2011; Teixeira; Mentges; Kampff, 2019). Embora exista um corpo de pesquisas que aborda o fracasso acadêmico e suas consequências, há uma carência de estudos que examinem os fatores que influenciam a adaptação desses estudantes, considerando não apenas os aspectos que podem levar ao fracasso, mas, sobretudo, aqueles que aumentam as chances de sucesso. Portanto, é essencial ampliar o escopo das investigações para além dos desafios e experiências de sofrimento e mal-estar relatadas por esses estudantes, incluindo a análise das estratégias de enfrentamento que eles constroem para si.

Diante desse cenário, este artigo propõe investigar a experiência acadêmica de universitários das camadas populares a partir de uma perspectiva psicossocial, fundamentada nos estudos sobre o papel do capital cultural, social e econômico. Argumentamos que, embora diversos estudos evidenciem as dificuldades enfrentadas por estudantes de baixa renda nas universidades brasileiras, muitos desses sujeitos desenvolvem novas formas de se apropriarem do espaço universitário. Nossa hipótese central postula que a inserção desses estudantes não se restringe à mera assimilação da cultura acadêmica dominante, mas resulta de uma constante negociação entre as raízes de suas origens de classe e as demandas de uma instituição predominantemente voltada para as classes médias e altas. Dessa forma, buscamos compreender como elementos da trajetória pregressa e da realidade corrente interagem para mediar a experiência acadêmica desses indivíduos, revelando estratégias de resistência e reconfiguração do seu percurso formativo.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem metodológica qualitativa. O ponto de partida foi um levantamento bibliográfico exploratório, cujo objetivo foi mapear as principais lacunas de conhecimento e evidências na literatura sobre a adaptação acadêmica de estudantes das camadas populares e os fatores que impactam sua trajetória na universidade. Os resultados desse processo orientaram a construção do instrumento de coleta de dados, garantindo sua adequação às questões centrais do estudo, que foi conduzido em uma universidade privada de Minas Gerais. Para investigar o tema proposto, selecionamos uma amostra de estudantes beneficiários do ProUni, extraída de um estudo quantitativo realizado previamente, que investigava a experiência acadêmica de estudantes de graduação. Ao final, um convite para participarem de uma entrevista foi feito aos estudantes bolsistas. Do total de 382 respondentes, 101 prounistas manifestaram interesse na entrevista. Desses, 11 foram selecionados em um processo de amostragem intencional.

A escolha dos participantes buscou assegurar a diversidade do corpo discente da universidade, considerando variáveis como gênero, raça/cor, renda, área de residência e tipo de escola onde cursaram a educação básica. Além disso, essa seleção priorizou a distribuição entre diferentes áreas do conhecimento e etapas da graduação, a fim de abranger uma ampla gama de experiências (Quadro 1). As entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, tiveram duração média de 90 minutos. A análise qualitativa seguiu a técnica de análise temática (Braun; Clarke, 2006), permitindo que padrões e categorias emergissem dos dados, conectando as

vivências individuais dos estudantes às questões mais amplas da pesquisa. Esse processo resultou na identificação de seis temas centrais na narrativa dos entrevistados: (i) trajetória de vida e experiências prévias, (ii) aspectos individuais e subjetivos, (iii) vivências de classe, (iv) dinâmicas interpessoais e redes de apoio, (v) relacionamento com a instituição e (vi) impactos da pandemia de Covid-19.

Quadro 1 — Caracterização da amostra do estudo qualitativo

PESSOA ENTREVISTADA*	FAIXA ETÁRIA	GÊNERO	RAÇA/COR	ÁREA DE RESIDÊNCIA	DE EDUCAÇÃO BÁSICA	SITUAÇÃO LABORAL	ESCOLARIDADE DOS CUIDADORES	ÁREA DO CONHECIMENTO	DO	ETAPA DO CURSO
Cecília	18-29 anos	F	Branca	Zona rural	Escola pública	Eventual	Ensino médio completo	Ciências Humanas		6° Período
Maria Nilde	30-39 anos	F	Parda	Zona urbana periférica	Escola pública	Regular, em período parcial	Ensino fundamental incompleto	Ciências Biológicas e da Saúde		3° Período
Macaé	40-49 anos	F	Indígena	Zona urbana periférica	ENCCEJA**	Desempregada	Ensino fundamental incompleto	Ciências Humanas		10° Período
Dermeval	18-29 anos	M	Branca	Zona urbana periférica	Escola privada com bolsa de estudos	Eventual	Ensino médio completo e graduação completa	Ciências Humanas		5° Período
Clara	18-29 anos	F	Preferiu não dizer	Zona urbana periférica	Escola pública com entrada por processo seletivo	Regular, em período parcial	Ensino fundamental incompleto e ensino médio completo	Ciências Sociais Aplicadas		4° Período
Miguel	18-29 anos	M	Branca	Zona urbana periférica	Escola pública	Regular, em período parcial	Ensino médio completo	Ciências Exatas e da Terra		4° Período
Anísio	18-29 anos	M	Preta	Zona urbana periférica	Escola pública	Desempregado	Ensino médio completo e graduação completa	Engenharias e Tecnologias		9° Período
José Carlos	18-29 anos	M	Branca	Zona urbana periférica	Escola pública	Regular, em período integral	Ensino médio completo	Ciências Biológicas e da Saúde		10° Período
Paulo	18-29 anos	M	Parda	Zona urbana periférica	Escola pública	Regular, em período integral	Ensino fundamental incompleto	Ciências Humanas		10° Período
Nilma	18-29 anos	F	Preta	Zona urbana periférica	Escola pública	Regular, em período integral	Ensino fundamental incompleto	Ciências Sociais Aplicadas		7° Período

Beatriz	18-29 anos	F	Preta	Zona urbana periférica	Escola pública	Regular, período parcial	em Ensino incompleto	fundamental	Engenharias Tecnologias	e 4° Período
---------	---------------	---	-------	---------------------------	----------------	-----------------------------	-------------------------	-------------	----------------------------	-----------------

(*) Os nomes dos entrevistados foram alterados visando preservar o seu anonimato. (**) ENCCEJA — Exame Nacional Para a Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Trajetória de vida e experiências prévias

Mais do que a mera incorporação de elementos do capital social e cultural, observa-se que os hábitos e valores desenvolvidos pelos entrevistados ao longo de suas trajetórias como indivíduos de baixa renda exerceram um papel fundamental tanto no seu acesso quanto na sua permanência no ensino superior. Dessa forma, a experiência universitária desses sujeitos não pode ser reduzida à presença ou ausência de capital simbólico. É preciso considerar os processos de ressignificação de aprendizagens anteriores à entrada na universidade e a maneira como esses estudantes mobilizam esses saberes para transitar pelo ambiente acadêmico com mais segurança, conforto e sentido.

Não é porque a gente veio de uma realidade diferente que a gente é pior do que as outras pessoas. Nós também temos coisas a acrescentar. Temos que saber reconhecer o nosso valor, a nossa história, e acreditar que a gente é capaz, sim, de contribuir dentro desse ambiente (Nilma).

O lugar ocupado pela universidade no imaginário desses indivíduos aparece como um elemento estruturante da sua identidade. Desde cedo, a ideia de ingressar no ensino superior configura-se como um sonho, uma aspiração que transcende a individualidade e se insere em um contexto mais amplo.

Na infância, a gente brincava que ia para a faculdade (Cecília).

Eu sempre quis fazer faculdade, desde criança [...]. Eu fui na casa de uma amiga minha e lá tinha uma revista com uma foto da universidade onde eu estudo hoje. E eu pensei: “quero estudar lá”. Chegando em casa, contei para minha mãe, mas eu vi que ela sentiu pena. Eu vivia num contexto onde faculdade não era uma realidade, ninguém falava sobre isso. Mas eu sempre falava, “eu vou estudar lá” (Nilma).

O incentivo familiar recebido e aquele advindo de figuras externas, como professores e mentores, assume diferentes formas. Para alguns dos entrevistados, ele se materializou por meio de um apoio explícito, traduzido pelo contato precoce com a cultura escrita, a valorização do estudo e a importância dada à literacia no meio familiar.

Minha mãe não teve educação formal. E meu pai, eu sinto que ele desperdiçou muitas oportunidades que ele teve. Então, eu venho de uma família em que o estudo é levado assim, “vou te dar apoio, porque é uma coisa que eu não tive” (Dermeval).

Andrade (2014) nos lembra que, apesar de não ser determinante para o sucesso acadêmico, o apoio familiar pode influenciar a forma como os estudantes se relacionam com o conhecimento e o aprendizado. Por outro lado, como examinado extensivamente por Lahire (1997), apesar das semelhanças nas condições de vida e de origem social, os estudantes das camadas populares encontram uma variedade de caminhos para terem acesso à universidade e construir suas trajetórias acadêmicas, o que expressa a complexidade e a diversidade desse processo. Nesse sentido, para outros entrevistados, a ausência de incentivo externo não impediu a construção de um desejo genuíno pela vida acadêmica, demonstrando como a motivação e a autodeterminação também são essenciais para o ingresso na universidade.

Eu não tive nenhum apoio, não tinha perspectiva alguma de crescimento acadêmico. Mas eu sempre fui muito centrado, gostava muito de estudar, gostava bastante de ler (Paulo).

Outro aspecto relevante diz respeito às aspirações e motivações desses estudantes para a entrada na universidade, que revelam desejos típicos das classes populares. O capital cultural, conforme delineado por Bourdieu (2015), se refere também à capacidade de internalizar e valorizar a educação como um mecanismo de mobilidade social. Além do desejo pela ascensão socioeconômica, a entrada na universidade é percebida pelos entrevistados como uma conquista coletiva, evidenciando a centralidade dos laços familiares e comunitários nesse processo. Para muitos deles, o ingresso na universidade está associado ao desejo de retribuir os esforços familiares e honrar os sacrifícios e dificuldades experimentados ao longo da vida, o que demonstra a dimensão simbólica desse processo.

Estar na universidade está muito atrelado ao meu objetivo de vida, que é honrar os meus pais. Isso é o que eu mais quero na vida. Ver de onde eles saíram e tentar chegar onde nenhum deles chegou, sabe? Chegar mais longe (Miguel).

Assim, a experiência universitária desses sujeitos não se limita à assimilação de um *habitus* acadêmico dominante, mas configura-se como um processo dinâmico de ressignificação de suas trajetórias de vida e da interação de suas vivências com a macroestrutura social. Em consonância com achados anteriores (Piotto, 2008; Oliveira; Portes, 2014; Lima, 2020), mais do que o acesso a diferentes formas de capital, a capacidade de ressignificação dos recursos disponíveis também viabiliza novas formas de inserção no ambiente acadêmico. Nesse contexto, a universidade se estabelece como um espaço de disputas simbólicas, no qual esses

estudantes não apenas se adaptam, mas também reconstróem suas identidades de maneira singular e coletiva.

3.2 Aspectos individuais e subjetivos

A inserção e a permanência de estudantes das camadas populares no ensino superior também envolvem aspectos subjetivos, que merecem atenção. A análise das entrevistas evidencia que certas competências e características pessoais, muitas delas desenvolvidas antes da entrada na universidade, desempenham um papel central na trajetória acadêmica desses estudantes. No entanto, é fundamental reconhecer que tais competências, embora comumente naturalizadas como atributos intrínsecos, podem ser, por vezes, compreendidas como respostas adaptativas a contextos de adversidade, refletindo a intersecção entre fatores socioculturais e subjetivos ao longo de suas trajetórias.

A necessidade de desenvolver autonomia desde cedo, muitas vezes imposta pela impossibilidade de contar com o suporte técnico e acadêmico dos pais, configura um aspecto central na experiência desses estudantes. Em um contexto de baixa escolarização familiar, a ausência de mediação no processo educativo exige que os indivíduos assumam precocemente a responsabilidade pelo próprio aprendizado.

Uma autonomia que não foi escolhida, né? Foi meio imposta. Às vezes eu só queria alguém pra me ajudar mesmo, mas como não tinha, não havia o que fazer (Cecília).

Além disso, a flexibilidade e a disciplina são apontadas como habilidades fundamentais para lidar com as novas exigências da vida acadêmica. Sobretudo para estudantes oriundos de uma educação básica deficitária, a adaptação a esse novo universo pode ser desafiadora, demandando esforços adicionais para compreender regras, procedimentos institucionais e expectativas acadêmicas. Nesse sentido, a universidade se apresenta não apenas como um espaço de aprendizado e produção intelectual, mas também como um ambiente que ainda requer a internalização de códigos culturais específicos, comuns às classes médias e altas, conforme sugerido por Dalbosco, Cenci e Doro (2023).

Acho que o primeiro passo é a coragem para desbravar um ambiente que não é seu, onde você vai ser lembrado todo dia que não é seu, direta ou indiretamente. É ter coragem para tentar, ter a força para continuar e ter esse coração aberto, essa mente aberta, essa flexibilidade para você se manter lá dentro sem surtar (Paulo).

Outro elemento central na experiência desses estudantes é o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação. O estabelecimento de vínculos com colegas e professores, bem como a capacidade de dialogar com diferentes agentes institucionais, mostrou-se como estratégia essencial para o sucesso acadêmico.

Eu conseguia caminhar entre todos os grupos ali [...]. Eu acho que isso é muito importante, ter essa habilidade de se comunicar e, principalmente, de saber se impor, se necessário (Maria Nilde).

Você tem que ter jogo de cintura, saber negociar e conversar. Saber conversar com a reitoria, saber conversar com a coordenação, saber conversar com a galera do curso. Se a pessoa for um pouco mais acanhada, se for uma pessoa tímida, ela tem certa vulnerabilidade (Clara).

A resiliência e a perseverança, frequentemente destacadas pelos entrevistados, surgem como respostas às dificuldades enfrentadas no percurso acadêmico. A literatura sobre o tema sugere que a crença na própria capacidade de superar desafios está associada a melhores índices de rendimento e ajustamento ao ambiente universitário (Cassidy, 2015; Honicke; Broadbent, 2016; Polydoro; Guerreiro-Casanova, 2010). No entanto, é importante problematizar a romantização desses atributos: a ênfase na resiliência pode, em algumas circunstâncias, mascarar as limitações estruturais que impõem dificuldades desproporcionais a esses estudantes, transferindo para o indivíduo a responsabilidade exclusiva pelo seu desempenho e bem-estar naquele espaço.

Mesmo quando não era uma coisa que eu gostasse ou que me causasse interesse, eu tentava. Continuar tentando é o que me colocou nesse lugar (Cecília).

É necessário que exista um empenho, que exista um sacrifício. Eu acho que estar disposto a tomar decisões difíceis — entre aspas, porque essas decisões vão beneficiar aquele que as toma —, é essencial (Miguel).

Tem que ter muita resiliência. Muitas pessoas saem no meio do curso. Tem que saber que vai levar porrada pra caramba, mas também entender que às vezes vai ser assim mesmo. Você tem que se dobrar, mas não pode quebrar, não (Anísio).

A permanência na universidade, no entanto, não se sustenta apenas pelo mérito individual, mas também na forma como essas características se entrelaçam com condições estruturais mais amplas; as competências e habilidades desenvolvidas pelos estudantes das camadas populares não podem ser dissociadas dos contextos que as moldam. Logo, compreender as experiências acadêmicas desses estudantes exige uma análise que vá além das

competências pessoais, considerando as dinâmicas de classe que atravessam sua trajetória e influenciam sua relação com o espaço universitário.

3.3 Vivências de classe

A inclusão de estudantes de baixa renda no ensino superior brasileiro representa um avanço significativo em termos de democratização do acesso à educação. No entanto, sua permanência e integração nesse espaço, particularmente nas universidades privadas, são marcadas por desafios que, para além das dificuldades financeiras, envolvem também dimensões culturais, sociais e subjetivas da sua classe (Piotto, 2008). A partir das entrevistas analisadas, observa-se que a experiência acadêmica desses sujeitos é atravessada por desigualdades estruturais que se manifestam de diferentes formas, exemplificando como, mais do que simplesmente acessar a universidade, os estudantes das camadas populares precisam desenvolver estratégias para lidar com as barreiras impostas pelo meio acadêmico, um espaço ainda voltado, majoritariamente, para as classes mais altas (Almeida et al., 2012).

A discrepância entre as expectativas em relação ao ingresso no ensino superior e a realidade vivenciada na universidade gera frustração e desesperança. Muitos estudantes das camadas populares chegam à universidade com a crença de que a educação superior representará uma ruptura com as desigualdades que enfrentam. No entanto, ao se depararem com um ambiente que frequentemente reproduz a lógica meritocrática e individualizante da sociedade contemporânea — onde limitações estruturais são interpretadas como falhas individuais —, eles vivenciam um conflito entre o ideal da formação acadêmica e os desafios concretos impostos por sua condição socioeconômica. Essa quebra de expectativas pode, por sua vez, levá-los a questionar sua presença na universidade e até mesmo a desistir do curso:

Quando chegou o ensino médio, eu desisti da faculdade, porque ali a realidade chegou, né? Eu pensei, “puxa vida, eu não tenho condição de fazer isso, não. É algo que tá totalmente fora do meu contexto”. E é triste, né? Porque a gente, enquanto jovem, tem muitos sonhos. Mas pensar em não poder realizar esses sonhos causa certa dor, mesmo que a gente não exponha (Nilma).

Um dos principais desafios relatados pelos entrevistados refere-se às dificuldades financeiras que persistem mesmo após o ingresso no ensino superior. Embora programas governamentais como o ProUni possibilitem o acesso às universidades privadas, esses auxílios se mostram insuficientes para cobrir despesas essenciais dos bolsistas, como transporte, alimentação, moradia e aquisição de materiais e recursos didáticos. Essa precariedade se

desdobra em dificuldades cotidianas que comprometem o desempenho acadêmico e limitam a participação em atividades extracurriculares, aprofundando a desigualdade em relação àqueles que dispõem de maior suporte financeiro (Figueiredo, 2018).

Não é tão inclusivo assim, você dar uma bolsa de estudos, porque a gente tem locomoção, aluguel, tem que se alimentar, e não tem um almoço com preço acessível. Não é só a mensalidade, sabe? (Cecília).

Além dos desafios citados, a exigência por alto desempenho acadêmico impõe uma carga emocional significativa a esses estudantes. A necessidade de manter a bolsa de estudos para garantir a continuidade da formação cria um estado de constante vigilância e pressão, que se agrava pela dificuldade de conciliar estudos, trabalho e responsabilidades domésticas.

Eu sempre tenho que ficar atenta pra não reprovar, só pegar um número de matérias que eu realmente vou dar conta, porque eu só tenho essa chance com o ProUni, e o curso não tá nem na metade. Se eu perder essa bolsa, eu não vou fazer faculdade. Eu vivo em um constante medo de reprovar (Beatriz).

Diferentemente de estudantes oriundos de classes mais privilegiadas, que na maior parte das vezes contam com redes de apoio e estabilidade financeira, universitários de baixa renda frequentemente enfrentam jornadas duplas ou triplas, reduzindo seu tempo de dedicação exclusiva à formação (Zago, 2006). Esse contexto evidencia como a desigualdade de condições materiais se traduz em desigualdade de oportunidades acadêmicas, colocando esses estudantes em uma posição mais vulnerável diante das exigências institucionais.

Dói, sabe? Dói ver pessoas que moram perto e que pegam um carro com ar-condicionado, vão pra casa, estão ali em cinco minutos, e saber que você vai demorar três horas pra chegar em casa num calor grotesco, pegando um ônibus lotado, tendo tantas coisas pra fazer depois. É bizarro você pensar que a parte mais difícil da universidade é chegar lá (Miguel).

Poderia ser melhor, mas tento fazer o máximo. Leio no ônibus. Acho que é sobre você não ficar se culpando por coisas que você não conseguiu fazer, sabe? Como eu falei, é essa questão de “se eu tivesse tido mais tempo para estudar, eu saberia responder essa questão” — só que eu não tive. Então é isso, fazer o quê? Bola para frente (Dermeval).

No entanto, os desafios enfrentados não se limitam às dificuldades financeiras. As entrevistas demonstram que a inserção de indivíduos das camadas populares no ambiente universitário também é marcada por um forte sentimento de desenraizamento e não pertencimento, a exemplo de estudos recentes (Ahn, 2023; Bettencourt, 2021; Figueiredo, 2018;

Lima, 2020). Muitos entrevistados relataram que a universidade se apresenta como um espaço cujas normas, valores e hábitos refletem uma realidade distinta daquela em que cresceram e para a qual precisam retornar quando voltam para casa. Para esses estudantes, a universidade não é apenas um ambiente de aprendizado, mas um espaço de tensão simbólica, onde precisam constantemente negociar sua identidade como membros da classe trabalhadora e adaptar-se a um conjunto de expectativas que muitas vezes lhes são estranhas, mas ainda assim exigidas.

Eu entendo que o sentimento que eu tive quando eu entrei naquela sala de aula foi exatamente o mesmo de quando eu era uma criança que ia suja e despenteada para a escola. Porque eu era a diferente, eu era a mal arrumada, eu não estava com roupa de marca, eu chegava suada porque eu vinha de ônibus, porque eu subia o morro, sabe? Então, mesmo de uma maneira diferente, eu me coloquei naquele mesmo lugar (Macaé).

Essa experiência se torna ainda mais complexa quando consideramos a interseccionalidade de classe com outros marcadores sociais (Vieira; Torrenté, 2022). Aspectos como raça, gênero, orientação sexual, faixa etária e território influenciam significativamente a forma como esses estudantes vivenciam sua trajetória na universidade. Aqueles que não se enxergam entre seus colegas e professores ou que percebem uma falta de representatividade em seu curso enfrentam barreiras adicionais para estabelecer conexões e construir redes de apoio. Esse distanciamento reforça a sensação de isolamento e pode impactar negativamente sua trajetória acadêmica, tornando a permanência ainda mais desafiadora.

Sou branco, sou homem, sou hétero. Tudo é mais fácil. Então eu acho que sim, eu sempre me senti incluído no meio acadêmico, e eu sei que isso é um privilégio (Dermeval).

Além de eu ser mais velha, estava na minha cara que eu tinha uma condição de vida mais difícil que a deles. Então nem me cumprimentavam (Macaé).

É um bairro muito atravessado por preconceitos. Não chega a ser uma favela, mas é uma periferia, uma coisinha bem escondida. É um bairro de pessoas com poder aquisitivo menor, que têm que lutar muito para poder vencer na vida (Maria Nilde).

A partir disso, evidencia-se que a experiência de universitários das camadas populares no ensino superior relaciona-se não apenas a recursos econômicos, mas também à possibilidade de construção de pertencimento, redes de apoio e condições institucionais que reconheçam e combatam as desigualdades que ainda são reproduzidas no meio acadêmico.

3.4 Relações interpessoais e rede de apoio

Nas entrevistas, identificou-se diferentes perspectivas acerca das relações interpessoais no espaço universitário. O primeiro aspecto observado nesse contexto diz respeito à tensão vivenciada pelos estudantes bolsistas ao interagir com colegas não bolsistas. Trata-se de uma tensão sutil e implícita, uma vez que a maioria dos participantes não relatou conflitos diretos ou hostilidades abertas. No entanto, os sentimentos de mal-estar e desconforto emergiram de forma recorrente nos relatos, estando fortemente associados às diferenças de classe social e às dinâmicas que decorrem no cotidiano acadêmico.

Às vezes, a pessoa sente um baque de não se sentir reconhecida naquele local, não achar pessoas que vêm da mesma realidade que ela, ali (Dermeval).

As meninas eram lindas, maravilhosas. Loiras e lindas. E tinham várias coisas. No Instagram, as pessoas tinham fotos em Paris e Londres e no Rock in Rio. Elas eram tudo o que eu queria ser quando eu crescesse, só que elas tinham a mesma idade que eu (Cecília).

E eu percebi que era isso que eu sentia, e eu não entendia, que era essa coisa de me comparar (Cecília).

Outro aspecto relevante das relações interpessoais diz respeito às redes de suporte. A construção informal de vínculos entre estudantes com trajetórias semelhantes emerge como um dos principais mecanismos de enfrentamento. Essas redes não apenas facilitam a vivência no ambiente universitário, mas também desempenham um papel central na construção do sentimento de pertencimento. Por outro lado, a ausência dessas conexões é frequentemente associada a maiores dificuldades na vivência acadêmica, evidenciando a importância do apoio coletivo para a permanência dos bolsistas.

Isso me ajudou demais para eu me sentir menos deslocado. Eu via mais pessoas como eu, com um sapato furado, ou correndo do trabalho para a faculdade. Eu via mais pessoas nessa situação — não que isso seja bom —, mas isso me trazia certo conforto (Paulo).

Eu saí de uma sala em que 80% dos estudantes eram bolsistas, que tinha pessoas pretas, pessoas LGBTQ+, pessoas que estavam “no corre”, que estudavam, que trabalhavam, que às vezes não tinham o que comer de lanche, que ficavam com fome, para cair em uma sala onde o pessoal não sabia nem o que era trabalhar fora. Isso foi um choque gigante para mim, e aí eu já entrei numa crise, eu fiquei assim, “meu Deus, será que isso realmente é para mim? Será que esse curso é para mim?” (Paulo).

Compartilhar as fraquezas, compartilhar as dificuldades, faz com que tudo seja mais leve. Se eu estivesse mais próximo dessas pessoas, eu teria mais facilidade em me enturmar (Miguel).

Pesquisas anteriores já demonstraram que ter habilidades e relações interpessoais saudáveis pode facilitar a experiência acadêmica dos alunos e que a falta desse elemento é um dificultador (Sahão; Kienen, 2021; Soares; Poubel; Mello, 2009; Teixeira et al., 2008). No entanto, um ponto importante a se ressaltar é que, pelo relato dos entrevistados, quando construídas, essas relações foram estabelecidas de maneira informal. Não foram identificados programas ou iniciativas da instituição para facilitar essas relações, conforme sugerido por outros estudos (Lacerda; Yunes; Valentini, 2022; Menezes et al., 2021; Sahão; Kienen, 2021).

3.5 Relacionamento com a instituição

O relacionamento com a instituição também se revelou uma categoria dicotômica. Por um lado, os entrevistados associam a entrada na universidade ao cumprimento de um sonho, expressando um sentimento de privilégio e orgulho por estarem nesse ambiente. Por outro, ao serem questionados sobre o suporte oferecido aos estudantes bolsistas, que enfrentam desafios específicos relacionados às suas origens socioeconômicas, os alunos demonstraram sentimentos de desamparo.

Não tem micro-ondas para eu poder esquentar meu almoço. Aí, eu tenho que gastar dinheiro na rua [...]. Eu acho que a universidade precisa ter um espaço social ali para o aluno, não sei se é pedir demais, mas um espaço, com um banheiro para alguém que precise tomar banho, porque dali já vem direto do trabalho. Hoje em dia muitos alunos trabalham também, não é só estudar (Maria Nilde).

Eu falei, “eu não tenho dinheiro pra passagem, eu tô passando apuro”. E aí ela falou, “infelizmente, a gente não pode fazer nada pra te ajudar” (Macaé).

Cansaço físico, má alimentação [...]. Às vezes eu não tenho dinheiro para almoçar, ou não tive tempo no dia anterior de fazer uma refeição. Então às vezes vai ser, sei lá, uma fruta e um biscoito para o dia inteiro, às vezes vai ser um salgado para o dia inteiro, às vezes não vai ser nada. Isso acontece algumas vezes. [...] Quem vai conseguir aprender passando mal de fome? (Paulo).

A Política Nacional de Assistência Estudantil — PNAES, instituída em 3 de julho de 2024 pela lei n.º 14.914, abrange programas que assistem o estudante em termos de moradia estudantil; alimentação; transporte; atenção à saúde; inclusão digital; cultura; esporte; atendimento pré-escolar a dependentes; apoio pedagógico; acesso, participação, aprendizagem e acompanhamento pedagógico de estudantes (Brasil, 2024). Essa política, no entanto, atende

apenas os estudantes das instituições de ensino superior públicas. Dessa forma, apesar de existirem políticas que favorecem a permanência de alunos das classes populares nas universidades, aqueles que ingressaram nas instituições privadas por meio do ProUni, ou de programas de financiamento estudantil, não conseguem usufruir desses programas de apoio. Assim, o que se revela nas palavras dos entrevistados pode ser entendido como resultado da ausência de políticas direcionadas às demandas relacionadas à sua permanência.

3.6 Impactos da pandemia de Covid-19

A pandemia de Covid-19, enquanto experiência recente no momento da elaboração do roteiro de entrevistas, não havia sido considerada um tema central no planejamento inicial da pesquisa, que foi guiado por tópicos previamente destacados pela literatura especializada. Contudo, notou-se a relevância do isolamento social e da transição das aulas presenciais para o modelo remoto, configurando-se como uma temática crucial para compreender as ambiguidades vivenciadas pelos estudantes. Os impactos da pandemia mostraram-se duais: ao mesmo tempo que impôs desafios consideráveis, também se revelou um facilitador da vivência acadêmica para alguns participantes, revelando o caráter ambíguo dessa experiência.

O isolamento social, de forma paradoxal, tanto representou um obstáculo quanto um facilitador na adaptação de alguns estudantes ao novo formato de ensino. A experiência de Cecília, por exemplo, ilustra esse conflito. Para ela, a ausência de contato direto com colegas de diferentes classes sociais pareceu contribuir positivamente para sua integração ao ambiente acadêmico, possibilitando maior participação nas aulas. No entanto, com o retorno ao ensino presencial, essa sensação de integração foi comprometida, evidenciando a tensão persistente entre diferentes grupos sociais que frequentam o ambiente universitário. Além disso, o período pandêmico foi interpretado por alguns participantes como uma oportunidade para uma maior dedicação aos estudos, devido à redução do tempo gasto com deslocamentos e à diminuição dos gastos com transporte, alimentação e moradia.

Eu interagia sem vergonha, porque tinham quatro pessoas com a câmera ligada, e eu não entendia que tinham outras quarenta que estavam na mesma sala, que estavam ouvindo. E aí foi mais fácil, esse primeiro contato (Cecília).

Na pandemia, fui mandada embora do trabalho, mas consegui mais tempo para estudar [...] E com a volta após a pandemia, eu comecei a ficar irregular no curso (Macaé).

Essa situação, aparentemente vantajosa, não se estendeu a todos, especialmente aos estudantes que enfrentaram condições desafiadoras em termos de infraestrutura para o estudo remoto. A falta de um ambiente adequado em suas residências, somada ao isolamento social, prejudicou o aproveitamento das oportunidades acadêmicas. Além disso, a ausência de suporte institucional foi especialmente notada devido à dificuldade de acesso a materiais essenciais para a continuidade dos estudos, evidenciando uma falha nas políticas de apoio a esses alunos.

Na época que eu fiz uma das disciplinas que envolvia o domínio dessas ferramentas, a disciplina era online. Então eu tenho colegas que não conseguiram fazer porque o computador não abria o programa (*Miguel*).

Quando começou a pandemia, dois dias depois as aulas já estavam remotas. Não foi feito um levantamento de quantos alunos têm computador em casa, quantos têm internet, quantos têm condições de estudar online. As pessoas que não conseguem, qual vai ser o procedimento para elas? [...] O público deles não é esse, sabe? O público-alvo deles não é esse tipo de galera. [...] Muitas coisas do curso não rodavam no meu computador antigo. Tanto que eu perdi a bolsa do ProUni por causa disso, porque eu não tinha como concluir as matérias que eram obrigatórias. [...] E a resposta deles era, tipo, “se vira”, entendeu? É só isso, não se tem um protocolo para pobre, sabe? Principalmente num curso igual ao meu (*Clara*).

Esses relatos evidenciam que, enquanto alguns estudantes vivenciaram as circunstâncias impostas pela pandemia de maneira relativamente benéfica, outros se viram em uma situação de vulnerabilidade agravada. De maneira geral, as narrativas dos entrevistados indicam dificuldades financeiras, falta de estrutura adequada para estudar em casa, isolamento social e ausência de suporte institucional para a aquisição de materiais necessários à aprendizagem. A pandemia não apenas expôs desigualdades preexistentes, mas também as acentuou, reforçando a urgência de políticas públicas e institucionais que contemplem as particularidades dos estudantes de diferentes contextos socioeconômicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorarmos os desafios, reflexões e estratégias estabelecidas pelos estudantes entrevistados, revelamos a complexidade inerente à vivência acadêmica dos universitários das camadas populares. Ainda que compartilhem sua origem na mesma classe social, os entrevistados apresentaram vivências diversas, com repertórios distintos e aspectos subjetivos que influenciam diretamente na percepção da experiência na universidade. Tal constatação contrapõe a visão dicotômica que reduz o encontro dos estudantes das camadas populares com a cultura acadêmica a extremos de inadequação ou assimilação passiva. Em vez disso, nossos

achados evidenciam a existência de múltiplas formas de interação, negociação e ressignificação dessa experiência.

Os resultados permitem ainda argumentar que os principais recursos mobilizados pelos entrevistados são elaborados e sustentados por eles mesmos, como competências socioemocionais, valores pessoais e outros aprendizados conectados com sua trajetória e vivências de classe. Essas estratégias, no entanto, não operam isoladamente: as redes informais de apoio entre estudantes com trajetórias similares surgem como um pilar essencial para a permanência acadêmica desses universitários. Em contraste, a ausência de suporte institucional formal reforça o sentimento de desamparo, especialmente diante das dificuldades socioeconômicas enfrentadas.

Visto que a falta de clareza sobre onde buscar apoio para enfrentar desafios financeiros acentua essa vulnerabilidade, destaca-se a omissão desse debate no espaço universitário. Nesse sentido, as implicações deste trabalho ressaltam a responsabilidade das instituições de ensino em desenvolver estratégias que garantam condições equitativas para todos os discentes, mais alinhadas às necessidades desse público. Adicionalmente, acreditamos que a escassez de iniciativas voltadas para acolher as especificidades desses estudantes reforça a urgência de políticas públicas e institucionais que assegurem condições adequadas para a continuidade acadêmica desses estudantes nas instituições privadas.

Reconhecemos que, em razão da natureza qualitativa desta pesquisa e da amostra restrita a uma única universidade, seus resultados não são generalizáveis. Ainda assim, estes destacam a importância de mapear as demandas desse público para subsidiar políticas e ações que considerem suas especificidades, especialmente diante da escassez de estudos sobre a experiência acadêmica de estudantes de baixa renda em instituições privadas. Recomenda-se, para pesquisas futuras, a ampliação do escopo amostral e a análise das interseccionalidades entre classe e outros marcadores sociais — como raça, gênero, orientação sexual, faixa etária e território —, bem como dos efeitos da pandemia e do isolamento social compulsório, visando aprofundar a compreensão das desigualdades no acesso e permanência desse grupo no ensino superior durante esse evento histórico recente.

Em síntese, e apesar das suas limitações, este estudo oferece uma visão aprofundada da complexidade das vivências acadêmicas em instituições de ensino superior privadas, sublinhando a importância de reconhecer as múltiplas formas de existência nesses espaços, mesmo diante das barreiras socioeconômicas. Buscamos, a partir das nossas análises, explorar não apenas os desafios enfrentados por esse público, mas principalmente suas histórias de sucesso. A reflexão sobre essas questões não se encerra aqui, mas se desdobra em oportunidades

contínuas para o desenvolvimento de programas e políticas de permanência e combate à evasão de universitários das classes mais baixas. Esperamos, dessa forma, que os resultados desta pesquisa inspirem não apenas novas investigações, mas também ações concretas que contribuam para uma experiência universitária mais acessível, acolhedora e justa para todos.

REFERÊNCIAS

AHN, Mi Young. Students' sense of belonging and their socio-economic status in higher education: a quantitative approach. *Teaching in Higher Education*, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 136-149, 2023.

ALMEIDA, Leandro S. et al. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 17, p. 899-920, 2012.

ALMEIDA, Leandro S. Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 203-215, 2007.

ANDRADE, Ana Maria Jung de. Desempenho acadêmico, permanência e desenvolvimento psicossocial de universitários: relação com indicadores da assistência estudantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BETTENCOURT, Genia M. “I belong because it wasn't made for me”: Understanding working-class students' sense of belonging on campus. *The Journal of Higher Education*, [s. l.], v. 92, n. 5, p. 760-783, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 71-79.

BRASIL. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - ProUni, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111096.htm. Acesso em: 05 de julho 2025.

BRASIL. Lei nº 14.914, de 3 de julho de 2024. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.914-de-3-de-julho-de-2024-569928638>. Acesso em: 05 de julho 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Filadélfia, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CASSIDY, Simon. Resilience building in students: The role of academic self-efficacy. *Frontiers in Psychology*, Lausana, v. 6, p. 1781, 2015.

CUNHA, Simone Miguez; CARRILHO, Denise Madruga. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 9, p. 215-224, 2005.

DALBOSCO, Cláudio Almir; CENCI, Angelo Vitorio; DORO, Marcelo José. Universidade e formação no contexto neoliberal. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 44, p. e273155, 2023.

DIAS, Sonia Maria Barbosa; DA COSTA, Silvio Luiz. A permanência no ensino superior e as estratégias institucionais de enfrentamento da evasão. *Jornal de Políticas Educacionais*, Curitiba, v. 9, n. 17/18, p. 51-60, 2015.

DINIZ, Rosa Virgínia; GOERGEN, Pedro L. Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 24, p. 573-593, 2019.

ENGLE, Jennifer; TINTO, Vincent. *Moving beyond access: college success for low-income, first-generation students*. Washington: Pell Institute for the Study of Opportunity in Higher Education, 2008.

FIGUEIREDO, Alice Cristina. Limites para afiliação à vida acadêmica de estudantes de camadas populares no contexto de expansão universitária. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, p. e173462, 2018.

HONICKE, Toni; BROADBENT, Jaclyn. The influence of academic self-efficacy on academic performance: A systematic review. *Educational Research Review*, [s. l.], v. 17, p. 63-84, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD Contínua. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102068_informativo.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2025.

LACERDA, Izabella Pirro; YUNES, Maria Angela Mattar; VALENTINI, Felipe. Permanência no ensino superior e a rede de apoio de estudantes residentes em moradia estudantil. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 8, p. e022004, 2022.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LIMA, Raquel Guilherme de. Para além do trânsito de classe: a socialização plural em narrativas da primeira geração de formados no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, p. e3510414, 2020.

MENEZES, Dayane Patricia Ferreira et al. Peer mentoring como estratégia de acolhimento ao estudante e adaptação ao método PBL. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 45, n. Supl 01, p. e103, 2021.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de et al. Adaptação acadêmica e coping em estudantes

universitários brasileiros: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 177-186, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de; PORTES, Écio Antônio. Ascensão e distanciamento na trajetória social, escolar e profissional de um jovem das camadas populares. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 1145-1164, 2014.

PIOTTO, Débora Cristina. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, p. 701-707, 2008.

PIRES, André; RIBEIRO, Maynara de Oliveira. Produções bibliográficas sobre o programa Universidade Para Todos (ProUni) entre 2005 e 2018: desenho do programa; perfil dos ingressantes; permanência e egressos. *Revista HISTED.BR On-line*, Campinas, v. 20, p. e020035-e020035, 2020.

POLYDORO, Soely A. J.; GUERREIRO-CASANOVA, Daniela C. Escala de auto-eficácia na formação superior: construção e estudo de validação. *Avaliação Psicológica*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 267-278, 2010.

SAHÃO, Fernanda Torres; KIENEN, Nádia. Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 25, p. e224238, 2021.

SALVATO, Marcio Antônio; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gomes; DUARTE, Ângelo José Mont'Alverne. O impacto da escolaridade sobre a distribuição de renda. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 40, p. 753-791, 2010.

SOARES, Adriana Benevides; POUBEL, Lincoln Nunes; MELLO, Thatiana Valory dos Santos. Habilidades sociais e adaptação acadêmica: um estudo comparativo em instituições de ensino público e privado. *Aletheia*, Canoas, n. 29, p. 27-42, 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 12, p. 185-202, 2008.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Petrarca; MENTGES, Manuir José; KAMPFF, Adriana Justin Cerveira. Evasão no ensino superior: um estudo sistemático. In: X CIDU - Congresso Ibero-americano de Docência Universitária, 2019, Porto Alegre. *Anais X CIDU*. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2019.

VIEIRA, Vera Maria Sérgio de Abreu; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira Nunes de. Saúde mental e interseccionalidade entre estudantes em uma universidade pública brasileira. *Interface*, Botucatu, v. 26, p. e210674, 2022.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação [online]*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.